



# miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 2, maio-ago. 2021

## ORDEM E VIOLÊNCIA EM *A MAIS REMOTA LEMBRANÇA*, DE FRED D'AGUIAR



## ORDER AND VIOLENCE IN FRED D'AGUIAR'S *THE LONGEST MEMORY*

Juliana Cássia MÜLLER  
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Dionei MATHIAS  
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 03/11/2020 • APROVADO EM 10/06/2021  
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i2.2916>

---

### Resumo

---

Este artigo busca analisar a representação da violência no romance *A mais remota lembrança* (1997), escrito pelo britânico-guianense Fred D'Aguiar. A partir do respaldo teórico de Zygmunt Bauman (1999), destacam-se três vetores substanciais: a violência física, de gênero e estrutural. Estes três vetores criam uma tensão entre ordem e violência, impactando na narrativa de identidade de personagens que não pertencem ao grupo dominante. O romance de D'Aguiar contribui para revisar a racionalidade dessa ordem, revelando as estratégias de desumanização que a legitimam.

---

### Abstract

---

This article seeks to analyze the representation of violence in the novel *The longest memory* (1997), written by the British-Guyanese author Fred D'Aguiar. Based on the theoretical support of voices such as Bauman (1999), three substantial vectors stand out: physical, gender and structural violence. These three vectors create a tension between order and violence, impacting on the identity narrative of characters that do not belong to the dominant group. D'Aguiar's novel helps to revise the rationality of this order, revealing the dehumanization strategies that legitimize it.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Fred D'Aguiar. *A mais remota lembrança*. Violência. Escravidão.

**Keywords:** Fred D'Aguiar. *The longest memory*. Violence. Slavery

---

## Texto integral

---

### Introdução

Fred D'Aguiar, filho de pais guianenses, nasceu em 1960 em Londres e foi criado na Guiana até sua adolescência. Com esse fundo biográfico, D'Aguiar se inscreve numa produção literária interessada, implícita ou explicitamente, nas dinâmicas de sentido voltadas para fluxos migratórios (MATHIAS, 2018a). A obra intitulada de *A mais remota lembrança* é seu primeiro romance, condecorado com os prêmios *David Higham Prize for Fiction* e *Whitbread First Novel Award*. Atualmente professor da Universidade da Califórnia em Los Angeles — UCLA, as temáticas de suas obras giram em torno de experiências de grupos marginalizados, explorando a escrita como uma forma de entender as feridas presentes na história. Os textos de D'Aguiar seguem o que constata Zelo Aparecida Martins dos Santos (2007, p. 119): há “um aumento da tendência para as histórias culturais, destacando-se o resgate das memórias coletivas e individuais permitindo o desdobramento metodológico e proporcionando com isso uma diversidade de leituras e representações do passado pesquisado”. Nesse sentido, ao explorar os traumas de um grupo, a história é ressemantizada ao mostrar os anseios e dificuldades enfrentadas por seus membros, num novo contexto temporal e sociocultural.

O romance *A mais remota lembrança*, ambientado numa fazenda de algodão na Virgínia do final do século XVII, traça uma interseção entre literatura e história ao narrar as lembranças de Whitechapel Pai, o escravo mais velho do local e que rememora as mais diversas fases de sua vida. Essa confluência ocorre através da exposição de elementos históricos — no caso do romance, a escravidão — e sua ficcionalização, incorporados por personagens negros que são alvos de diferentes formas de violência. Mesmo que representadas de forma individual, as experiências vividas por esses personagens se estendem a um macronível, condensando dores enfrentadas por todo um grupo. A peculiaridade da narrativa está relacionada com a distribuição dos capítulos, visto que cada um deles é narrado por um personagem diferente e que exprime seu próprio ponto de vista com relação aos mais diversos acontecimentos, sempre associados a alguma memória da violência. Nesse interesse pelo impacto da violência sobre a narrativa de identidade, D'Aguiar se junta a outros autores pertencentes aos fluxos migratórios como Hanif Kureishi (MATHIAS,

2018b) ou Diran Adebayo (MATHIAS, 2011) que buscam dar voz a atores sociais silenciados pela ordem dominante.

O texto tem apresentado uma recepção intensa e diversa pela crítica. Por um lado, analisa-se a estruturação da obra, como é o caso de Chloe Nuttall Musson (2014). Em seu ensaio, Musson parte do conceito de uma leitura polifônica, proposta por Edward W. Said, para discutir a interseção das diversas vozes no romance de Fred D'Aguiar e no romance *Crossing the River*, de Caryl Phillips. Num outro viés, destacam-se estudos que tratam dos elementos históricos da obra do autor. Elis Regina Fernandes Alves (2018) analisa, em sua tese de doutorado, a memória da escravidão em dois romances do autor, com base no conceito de memória coletiva do autor Halbwachs. Já Florence Labaune-Demeule (2015), foca em questões como autoridade e deslocamento presentes na plantação de algodão em que a narrativa está situada.

Este artigo, por sua vez, deseja discutir as situações de violência presentes no romance de D'Aguiar, com foco no modo como elas impactam na narrativa identitária dos sujeitos que as vivenciam. D'Aguiar encena, em seu texto, como o sistema escravocrata é legitimado e perpetuado através de uma configuração pautada por diferentes formas de violência, ferindo sistematicamente o direito à liberdade. Para fundamentar essa análise, recorremos a Bauman (1999), recuperando especialmente a dinâmica de produção de sentidos entre ordem e ambivalência. Nesse sentido, este artigo tem como foco a tensão entre violência e ordem, tentando identificar como esta se mantém na realidade diegética do romance por meio da utilização sistemática da violência.

### **Violência física e manutenção do poder**

A representação inicial da violência direciona-se para o tratamento voltado aos escravos da fazenda. A partir do contexto social de escravidão em que estão inseridos, os personagens são alvos constantes de violência física. No romance, ela é associada aos castigos em forma de chibatadas aplicadas aos escravos que tentam escapar do sistema escravocrata. Assegurada e encorajada por preceitos religiosos, ela é responsável por ceifar as possibilidades de uma existência livre a todos aqueles que não pertencem ao grupo dominante. Nesse contexto, a obra de D'Aguiar atua também como uma forma de rememoração do sofrimento experimentado pelo povo negro cujos direitos foram sistematicamente violados, impactando no modo como identidades podem ser concretizadas, até os dias de hoje.

A violência física apresentada no romance é caracterizada principalmente como um mecanismo cuja função é instalar o medo, a fim de desencorajar possíveis fugas ou rebeliões. Nessa visão de mundo, a violência representa a estratégia mais eficaz para a manutenção da disciplina e da submissão à interpretação de realidade proposta pelo grupo dominante. A perspectiva alternativa e a revisão das narrativas do passado que o romance propõe desmascaram a racionalidade da barbárie que subjaz a essas técnicas de administração da realidade:

Há dois tipos de escravo: o que tem de experimentar tudo por si mesmo para chegar à compreensão de alguma coisa e o que aprende pela observação. O escravo da primeira categoria age como se fosse o único escravo no mundo, e vítima da pior sorte na

terra. Esse tipo de escravo é agitado, causa muita encrenca para si mesmo e torna dez vezes pior o destino dos outros escravos. Reconhece-se em geral que o escravo da segunda categoria é mais inteligente, vive mais tempo, causa a todos em volta um mínimo de preocupações e ganha uma certa bondade do feitor e do senhor. (D'AGUIAR, 1997, p. 20-21).

A passagem citada revela a racionalidade do grupo dominante. Para garantir sua manutenção, é necessário que alguém que viola as regras impostas seja usado de exemplo para mostrar aos demais escravos o que pode lhes acontecer em caso de insubordinação. Na narrativa de D'Aguiar, Whitechapel Filho desempenha tal papel ao ser castigado por uma tentativa de fuga delatada pelo próprio pai. Num ímpeto de proteção ao único filho homem, Whitechapel Pai assume que o filho receberia apenas punições brandas, mostrando sua subordinação à racionalidade escravocrata. Entretanto, dada a ausência do senhor da fazenda, as expectativas de Whitechapel Pai — o escravo mais velho do lugar — não têm o resultado planejado. O jovem é sentenciado pelo feitor — meio-irmão do jovem escravo — a receber duzentas chibatadas, para garantir a subordinação incondicional dos demais escravos. Para isso, o feitor não hesita em ser instrumento da racionalidade bárbara do grupo dominante:

Meu único motivo para trazer de volta esse jovem crioulo foi que o patrão disse que ia fazer dele um exemplo, para desencorajar outras fugas. Eu cortei meu pé. Estou cansado e com fome. Não há como esse crioulo não sofrer o castigo de sempre para o crime dele. Deve-se dar um exemplo. Não castigá-lo agora da maneira correta seria uma afronta a toda esta fazenda. Eu sou o feitor. Na ausência do senhor, eu faço o que é melhor para a fazenda. (D'AGUIAR, 1997, p. 28).

O feitor da fazenda mostra-se impiedoso e violento, desempenhando, sem vacilar, o papel previsto pela máquina de administração do poder. Para a manutenção de seu lugar privilegiado na racionalidade dominante, cumpre seu papel, infligindo dor a todos aqueles que, de alguma forma, questionam a interpretação de realidade vigente. Deixar de fazê-lo contém o risco da instalação de uma narrativa alternativa de mundo, em que chances e papéis precisariam ser redistribuídos.

Como representante do grupo dominante, o feitor não possui esse interesse e para isso não hesita em fustigar seu meio-irmão com tamanha violência, a ponto de esquecer completamente a sacralidade do corpo alheio e mesmo depreender prazer do dilaceramento desse corpo: “A chibata o devorava, mas, como todo glutão que se empanturra, mordida e mastigava sem engolir, simplesmente mordida e mastigava mais um pouco, até ter a contagem de chegar a duzentos” (D'AGUIAR, 1997, p. 13). Completamente obcecado pela narrativa do grupo dominante, o feitor enxerga o outro como objeto a ser deformando de acordo com a racionalidade do poder. Não há empatia com o sofrimento do outro, apenas a busca pelo cumprimento da ordem e a manutenção da disciplina.

Em seu movimento de ressemantização da história, D'Aguiar recupera a dor física, a humilhação, a impotência e, sobretudo, a dessacralização do corpo negro:

Falávamos com ele e ele balançava a cabeça, mas deixou de responder ao seu nome. Depois mal mexia a cabeça, em seguida não mexeu mais, e os olhos, que continuaram os mesmos, já não nos diziam nada. Foi assim que fiquei sabendo que tinha ido embora na metade daquela surra [...]. (D'AGUIAR, 1997, 13-14).

O número de chibatadas está além de qualquer violência tolerável (ALVES, 2018, p. 152), causando a morte de Whitechapel Filho. Ao individualizar o sofrimento e a morte, D'Aguiar recupera a experiência de muitos. Ao desacelerar a velocidade narrativa para a exposição do martírio, o autor recupera a condição primária do ser, que reside na condição de corpo. É justamente a visão do corpo que se contrapõe nessa narrativa: para o grupo dominante, ele se limita a ser objeto de sua racionalidade; para as vítimas, esse corpo é dor vivida.

Para apagar a visão dessa dor alheia, o grupo dominante também insere em sua narrativa racional do mundo um dispositivo que abarque a atribuição de culpas. Esse dispositivo gera uma cegueira seletiva para a dor daqueles que não pertencem ao próprio grupo e permite elidir as incongruências entre uma moral da compaixão e a sistematicidade da violência. A partir dessa narrativa organizada pelo princípio da causa e da consequência, a atribuição de culpa e o princípio da compaixão são deformados de tal modo, a não causar desconfortos de imagem para o grupo dominante. Desse ângulo, a narrativa subjacente à visão de mundo do senhor da fazenda não lhe permite somente se esquivar da culpa, ela também contém mecanismos para delegá-la:

O ato dele foi rebelião, do tipo mais odioso. Se sobrevivesse, a vida dele nesta fazenda estaria acabada. Você mesmo disse que um escravo que provou a liberdade jamais pode voltar a ser um escravo mesmo. Você, Whitechapel, combinou comigo que ia conter o espírito anárquico de seu filho. Nós combinamos nesta mesma sala de jantar protegê-lo de si mesmo, expulsando da mente dele essas ideias tolas de liberdade. Whitechapel, você falhou. Eu confiei em você e você me decepcionou. (D'AGUIAR, 1997, p. 33).

O Sr. Whitechapel se exime de sua culpa e a transfere para a vítima, dando a entender que “se fosse um escravo submisso, não teria provocado a própria morte” (ALVES, 2018, p. 153-154). A fim de reforçar sua versão da realidade, faz uso da lógica do desprezo, difamando o comportamento da vítima com atributos como “odioso”. Na verdade, o escravocrata reconhece que Whitechapel Filho se distancia do protótipo de um escravo submisso, pois aprendeu a ler e a escrever com Lydia, filha do dono da fazenda. Isso reforça a imagem que tem dele como perigoso e lhe permite criar uma narrativa de realidade, em que a culpa não recai sobre si. Ainda nessa esteira, não se vê compelido a expressar qualquer sentimento de compaixão, diante do pai da vítima. Pelo contrário, não só a culpa é delegada, a compaixão é anulada. Para essa lógica de administração afetiva, é necessária uma narrativa de realidade que permita essas deformações. D'Aguiar recupera esses vetores.

Essa recuperação não se limita a ressemantizar formas de interação, o autor também recupera a discussão jornalística em voltas desses questionamentos. Assim, alguns capítulos trazem textos de editoriais do *The Virginian*, uma espécie de jornal que aborda questões relacionadas à escravidão e ao tratamento correto para os escravos, segundo a racionalidade do grupo dominante. Nesses textos, a violência física contra os personagens negros é legitimada: “Qual é o castigo justo para um escravo que fugiu? A prática tem sido ministrar alguma coisa por volta de duzentas chibatadas, com outras restrições de dieta e talvez cadeias nos pés por uma ou duas semanas depois. Isso parece justo e limpo” (D’AGUIAR, 1997, p. 109). Esses editoriais atuam como direcionamentos para donos de fazendas, por apresentarem um padrão de conduta a ser seguido e respeitado de forma a prevenir problemas relacionados com as fugas e rebeliões.

O jornal também oferece narrativas que permitem conciliar violência e princípios cristãos, criando uma versão de realidade que neutraliza a culpa incorrida em atos de violência direcionados a negros: “Não é nem extraordinário bater num escravo, nem incompatível com o cristianismo brandir a chibata. O amor que tenho por Deus é posto de lado durante um tão degradante e inevitável ato de disciplina” (D’AGUIAR, 1997, p. 105). Nessa narrativa que adula a barbárie do grupo dominante, as punições físicas são apresentadas como atos inevitáveis que possuem um potencial disciplinante e que representam uma responsabilidade pelo destino de várias vidas. Ao mesmo tempo, elas funcionam como um mecanismo de manutenção da imagem social do agressor: “Qualquer tolo pode bater num tolo escravo. Só um homem pode fazê-lo e permanecer digno. Só um homem” (D’AGUIAR, 1997, p. 106). Esse meio de comunicação, portanto, serve como mecanismo de afirmação da versão daqueles que detém o poder, produzindo narrativas da realidade que se coadunam com suas expectativas.

Em seu texto, D’Aguiar encena por meio de interações e pela recuperação da vida corporificada um elemento central da Modernidade, segundo Bauman, isto é, a busca da ordem e a neutralização da ambivalência:

A ordem está continuamente engajada na guerra pela sobrevivência. O outro da ordem não é uma outra ordem: sua única alternativa é o caos. O outro da ordem é o miasma do indeterminado e do imprevisível. O outro é a incerteza, essa fonte e arquétipo de todo medo. Os tropos do "outro da ordem" são: a indefinibilidade, a incoerência, a incongruência, a incompatibilidade, a ilogicidade, a irracionalidade, a ambiguidade, a confusão, a incapacidade de decidir, a ambivalência. (BAUMAN, 1999, p. 14).

A violência física figurada no texto atua nesse sentido, regulando a ordem do grupo dominante e fornecendo mecanismos para sua manutenção. Sendo assim, os interesses dos escravocratas subjazem à racionalidade que representa a ordem, enquanto os escravos representam o caos, por representarem um potencial de disseminação de ambivalência. Em seu comportamento subversivo, o jovem Whitechapel figura como questionamento dessa ordem, fragilizando a precisão da narrativa dominante. Nessa configuração, a violência serve como mecanismo para

neutralizar os perigos à versão de realidade defendida por aqueles que detém o monopólio do poder.

### **Violência contra o corpo feminino**

O segundo vetor de representação da violência que permeia o texto de D'Aguiar está ligado ao corpo feminino. Aqui seu foco se volta para as escravas que vivem na plantação, em Virgínia. A agressão que este corpo sofre está principalmente associada com as experiências de assédio e de estupro por parte dos personagens pertencentes ao grupo dominante. Na obra, a personagem que passa por tal experiência é a Cozinheira, futura esposa de Whitechapel Pai, que trabalha na casa do feitor, o viúvo Sanders. As experiências de violência recuperadas, neste contexto, revelam a impossibilidade de defesa, uma vez que a condição de escrava impede qualquer forma de denúncia.

A primeira tentativa de violência experimenta possibilidades de assédio, o que ocorre dentro do conjunto de interações previstas para aquele espaço: “Chamei a cozinheira ao meu quarto, sob o falso pretexto de que era preciso retirar uns pratos de lá. Ela entrou e saiu correndo antes que eu pudesse me levantar da cadeira” (D'AGUIAR, 1997, p. 47). Nesse momento, o feitor ainda se encontra num processo de idear formas para alcançar seus objetivos, sem causar danos a sua imagem. Nesse horizonte, pairam as admonições publicadas nos editoriais do *The Virginian* e que ele não pode ferir, sem encontrar uma narrativa condizente:

As escravas jovens e núbéis são uma tentação para todos nós, mas uma tentação que se deve evitar religiosamente. Elas têm a bênção da juventude e inspiram sentimentos de luxúria em feitores e senhores igualmente, que são humanos para sentir quando esses sentimentos ocorrem, mas erram ao agir com base neles. (D'AGUIAR, 1997, p. 112).

A despeito desses alertas, o feitor se promete alcançar seus objetivos, sem que eles se tornem públicos. Quando acaba sucumbindo à luxúria e gerando um filho com a cozinheira, o problema maior, na visão do grupo dominante, não reside na violência em si, mas no fato de que ela se torne pública, com o nascimento da criança, Whitechapel Filho. A penalização que o dono da fazenda impõe, forçando o feitor a pagar duas multas — uma pela violência e outra pela gravidez da jovem — e de ter um cozinheiro homem a partir daquele momento, portanto, não remete em primeira mão à dor causada à jovem mulher, mas sim ao problema da visibilidade. Apesar da narrativa moralizante, o que o impele é a manutenção da ordem na fazenda e da imagem social. Nisso, a integridade da mulher negra não adentra seu escopo de visão.

Repete-se, nessa interseção, um esquema parecido àquele identificado na primeira parte. Por um lado, uma casa grande conivente que delega culpas, a fim de manter sua imagem moral. Por outro lado, a força bruta, completamente animalizada que coisifica aqueles que não fazem parte de seu grupo de identificação:

Depois que ela botou meu filho na cama, esperei que passasse por minha porta, peguei-a pelo braço, cobri-lhe a boca e arrastei-a para

minha cama. Disse-lhe que se fizesse o mínimo barulho logo estaria morta. Já a tinha penetrado e acabado antes de ter começado mesmo. (D'AGUIAR, 1997, p. 48).

Além de violentar a jovem mulher, Sanders ainda a ameaça de morte, infligindo, além da humilhação, o medo, como forma de controle, intensificado ainda mais pela autoridade que cargo de alto nível ocupado pelo agressor lhe imprime. Nessa distribuição de poder, o regime da verdade é administrado exclusivamente pelo feitor, podendo contar com a indiferença do dono da fazenda, a despeito de sua narrativa de valores morais.

Um olhar para a dinâmica do castigo e, com isso, da manutenção da ordem, rapidamente se identificam dois pesos e duas medidas. Enquanto escravos têm suas vidas ceifadas ou traumatizadas, o feitor permanece ileso e seu crime é silenciado. Numa mesma narrativa de realidade, alguns crimes são considerados imperdoáveis — fugas e rebeliões no caso dos escravos—, enquanto outros passam a ser ignorados quando se trata de representantes da ordem dominante, como é o caso de Sanders.

Por fazer parte deste último grupo, o feitor possui a vantagem de se saber ao lado daqueles que definem a verdade e as narrativas da razão. Em seu estudo, Bauman sustenta que

[...] em dicotomias cruciais para a prática e a visão da ordem social, o poder diferenciador esconde-se em geral por trás de um dos membros da oposição. O segundo membro não passa do outro do primeiro, o lado oposto (degradado, suprimido, exilado) do primeiro e sua criação. (BAUMAN, 1999, p. 22).

Nesse contexto, o outro dessa ordem seriam os escravos, produzindo uma visão de mundo em que eles representariam o lado da barbárie e do selvagem, enquanto os membros do grupo dominante seriam associados com a civilidade. Essa visão legitima o discurso do grupo e garante que suas normas norteiem a narrativa de realidade. A regra tácita para a manutenção dessa dicotomia e do poder diferenciador reside em negar sistematicamente qualquer semelhança ou, quando esta é identificada, negá-la no espaço público que gerencia as visões de mundo.

O dilema do feitor, portanto, reside em apagar as marcas de qualquer reconhecimento, ao menos, no espaço público. Para isso, tenta coagir a jovem a não delatá-lo, oferecendo roupas: “Eu disse que ela podia pegar o que quisesse do guarda-roupa de minha esposa em troca de seu silêncio” (D'AGUIAR, 1997, p. 49). Sanders tenta silenciar a vítima, a fim de reverter a fragilização do poder diferenciador. Sua grotesca tentativa de expiação não provém da violência infligida, mas sim da ameaça de exclusão de seu próprio grupo.

Enquanto a ameaça de exclusão ou sanção não se solidifica, a violência permanece recorrente: “Agarrei a cozinheira e arrastei-a para meu quarto. Ela lutou tanto que ficamos os dois com as roupas rasgadas. Ela mordeu minha mão. Eu fiquei a uma polegada de dar-lhe um soco no queixo. Recorri ao estrangulamento, até que ela praticamente desmaiou” (D'AGUIAR, 1997, p. 50). Essa agressão difere da primeira pelo aumento da truculência, certo na sua convicção de impunidade, por

conta da ordem que rege as regras de interação social. O que Sanders, contudo, não antecipa é que a jovem oferece resistência, denunciando-o ao dono da fazenda:

O Sr. Whitechapel me convocou à casa dele. Quando cheguei, encontrei Whitechapel, a cozinheira e o Sr. Whitechapel juntos. A cozinheira revelou a eles que ela e eu tínhamos tido intimidade uma vez antes da última, e que o incidente lhe roubara a castidade. Whitechapel afirma que não tocara nela antes do casamento. (D'AGUIAR, 1997, p. 51).

O foco novamente se volta para a visibilidade, não para a violência em si. Com a gravidez da jovem cozinheira, Sanders passa a desejar “que a criança seja negra como a mãe” (D'AGUIAR, 1997, p. 52). Possuindo a mesma cor da Cozinheira, os demais escravos da fazenda não perceberiam o estupro e acreditariam que a criança seria de Whitechapel Pai. A ordem, com seu poder de classificação, que está em jogo aqui não é uma ordem moral que reconhece a igualdade de todos os seres, mas sim uma ordem das imagens produzidas pelo grupo dominante. Pensando a partir dessa lógica, é que o feitor deseja que a cor da pele dessa criança não se assemelhe à sua, pois isso tem um impacto na ordem das imagens. A ordem moral vai permanecer intocada, independentemente da cor dessa criança, prova máxima disso são as duzentas chibatadas infligidas ao próprio filho.

Mais uma vez, D'Aguiar desacelera a velocidade narrativa e focaliza a dor dessa mulher, recuperando não somente a violência física, mas também o impacto que isso tem sobre a dignidade e o sentido existencial:

Depois que ele botou as mãos em cima de mim, eu queria morrer. Pensei em ir até o rio, de margens inundadas, e me jogar naquela forte correnteza. Whitechapel me salvou. Da segunda vez eu tinha de contar a alguém, senão certamente morria. Não tinha ninguém para contar, a não ser meu marido. Whitechapel salvou minha vida. Um filho que não era dele. Uma esposa pura que não era mais pura. (D'AGUIAR, 1997, p. 59).

Ao compartilhar os acontecimentos com seu futuro marido, a jovem mulher recupera uma parte da agência perdida na agressão perpetrada por Sanders. Ao verbalizar a dor e buscar reagir, ela oferece um movimento de resistência contra a ordem vigente. Dado o contexto de violência física e discursiva, esse ato demanda uma canalização substancial de energia, uma energia existencial completamente desintegrada diante da humilhação incorrida pela agressão, mas também pela possibilidade de sofrer sanções vindas do próprio parceiro. Contra toda expectativa, este a apoia e adota o filho, fruto da violência. Com isso, ambos concretizam uma ordem que se opõe diametralmente àquela vinda do grupo dominante. Ao compartilhar, essa personagem recupera sentido e agência, amenizando a dor. O trabalho de pensar (em seu duplo sentido) o trauma parte dela, não daqueles que estão associados à máquina da violência.

No romance de D'Aguiar, a violência está diretamente ligada ao silenciamento da voz feminina negra. Tal silenciamento é evidenciado muito antes da personagem em questão ser violentada por Sanders. A falta de um nome já apaga

sua individualidade, suscitando a ideia de que a personagem se limita à função que desempenha na fazenda. A figuração dessa voz representa tantas outras vozes negras escravizadas cujos abusos sofridos foram silenciados e mascarados, produzindo uma “história que reconstrói identidades peculiares e individuais, sem, portanto, ignorar a macro-história” (SANTOS, 2007, p. 119).

### **Violência estrutural**

O terceiro eixo de violência no romance de D’Aguiar refere-se à violência estrutural contra personagens negros. Esta se evidencia através das malhas simbólicas configuradas principalmente como opinião coletiva. Essas narrativas opinativas que norteiam a concretização existencial defendem, a modo de exemplo, que escravos não devem receber determinados objetos por serem considerados exagero ou que não precisam saber ler tendo em vista a natureza de seu ofício.

Para a instalação e manutenção dessa visão de mundo, o princípio de autoridade e hierarquia dentro da plantação de algodão parece ser fundamental para a continuação dessa forma de violência. Lebaune-Demeule (2015, p. 146) caracteriza a figuração do espaço social no texto, da seguinte forma:

Autoridade é a característica definidora da vida na plantação, e a hierarquia é reconhecida como essencial, tanto pelos brancos como por Whitechapel Pai, embora por razões diferentes. No topo da pirâmide está a autoridade incontestável do Senhor, que decide todas as coisas em sua propriedade de uma forma um tanto feudal, já que tem o direito da vida e da morte das pessoas que ali vivem (tradução nossa).<sup>1</sup>

Ou seja, o Sr. Whitechapel detém o poder para decidir o que seus escravos podem ter acesso ou não, administrando o monopólio dos recursos. Ele também define que narrativas identitárias serão validadas e quais peremptoriamente rejeitadas. Isso não restringe somente toda a malha simbólica disponível a alguém que não pertence ao grupo dominante. Antes de mais nada, isso representa uma forma de violência tácita que transforma existência alheia em seu objeto de volição.

Assim, a violência estrutural no romance se desvela em malhas simbólicas e silenciosas, diferente da violência física explicitada e engrandecida pelo grupo que define a ordem. Ela é caracterizada principalmente por aquilo que é tido como “opinião” dos personagens brancos da narrativa. Essa opinião, contudo, não permanece sem impacto pragmático, pois cria hierarquias de chances e de participação da sociedade. Nesse contexto, há um constante movimentos de inferiorizar indivíduos que não pertencem ao próprio grupo. Para os fazendeiros e demais sujeitos brancos, os escravos são inferiores e é essa característica que legitima o sistema escravocrata:

---

<sup>1</sup> “Authority is the defining feature of life on the plantation, and hierarchy is recognized as essential, both by the Whites and by Old Whitechapel, though for different reasons. At the top of the pyramid stands the unchallenged authority of the Master, who decides of all things on his estate in a somewhat feudal way, since he has the right of life and death over the people living there” (LEBAUNE-DEMEULE, 2015, p. 146).



A premissa da compra e venda de africanos apoia-se em preceitos que se referem à sua diferença em relação a nossas boas pessoas. Eles, muito literalmente, não são iguais a nós. Não sentem o que sentimos. Não dão valor ao que nós damos. Demonstram hábitos de ligação não diferentes dos observados entre outros tipos de gado na fazenda: a vaca pelo bezerro recém-nascido; a égua por sua cria. (D'AGUIAR, 1997, p. 108).

Além dessa estratégia de imposição de inferioridade, há também tentativas de construção de uma imagem voltada para a animalização. A administração dessa imagem cria ordens de diferença, impondo alteridades afetivas, morais e existenciais. Com base nessa ordem racista dos sentidos, surge uma narrativa de realidade que permite criar uma visão de mundo, situando esses atores sociais na escala da animalização.

Seguindo essa visão, Sanders, o antigo feitor da fazenda do Senhor Whitechapel, que acredita que os escravos possuem exigências em demasia: “Os escravos nunca estão satisfeitos. Quando não se queixam do frio em seus alojamentos, é a umidade. Tive de levantar a vara para vários deles. Estariam melhor recebendo minha bota no traseiro que lanhos nos braços e pernas” (D'AGUIAR, 1997, p. 53). Para ele, o local deveria ser administrado com recursos mínimos, aplicando castigos físicos rigorosos para assegurar a docilidade especialmente daqueles considerados rebeldes. Ainda nessa esteira, Sanders sustenta que não é necessário fornecer uma quantidade de alimentos que ultrapasse a necessidade mínima para o andamento eficaz da fazenda: “Que vantagem há num escravo gordo, a não ser para ele mesmo? Sr. Whitechapel, está errado, Senhor. O gado é que precisa engordar, não os escravos” (D'AGUIAR, 1997, p. 41). A ordem semântica constituída nesse espaço social e defendida pelo feitor revela não somente a distribuição desigual de chances e recursos, mas, sobretudo, um processo sistemático de desumanização.

Além da sistematicidade na distribuição desigual de recursos, a violência estrutural também é evidenciada pela negação do acesso à educação. Para isso, há uma lei que proíbe que os escravos aprendam a ler e a escrever, partindo da ideia de que esses aprendizados não são considerados necessários — a partir da visão do grupo detentor de todo poder socioeconômico — para o trabalho a ser desenvolvido nas fazendas. Tal impedimento pode ser visto como mecanismo para a perpetuação da escravidão. O processo sistemático de desumanização se concretiza aqui por meio da negação a conhecimentos necessários para a transformação da ordem. Sem o recurso do conhecimento, as chances para modificar a monopólio sobre a constituição da ordem que cria as dicotomias permanece limitada.

Outro elemento que reforça a violência estrutural reside na falta de acesso ao tratamento de doenças causadas pelas más condições em que os escravos vivem. Esse elemento é ilustrado por meio da Cozinheira, esposa de Whitechapel Pai. Ao solicitar atendimento médico para seu cônjuge que se encontra debilitada por causa de uma febre fatal, o escravo mais velho da plantação logo recebe uma recusa do senhor da plantação de algodão:

Minha esposa perdeu todo o sentido de tempo e sua aflição era constante. A dor na parte de baixo das costas era violenta. Não

consegui convencer o senhor a pagar um médico para examiná-la, mas ele argumentou e me convenceu de que tinha chegado a hora, que nem todos podiam se tornar um touro velho como eu. (D'AGUIAR, 1997, p. 20).

Nesse contexto, o dono da fazenda simplesmente não deseja despender recursos econômicos, assumindo que não haverá retorno para tal gasto. A lógica de pensamento aqui é a racionalidade do lucro, equiparando o indivíduo com os instrumentos de trabalho necessários para potencializar o ganho de capital. Ou seja, os detentores da ordem negam um tratamento e os encorajam a aceitar que nada poderia ser feito para curá-los. A desumanização ocorre na negação de chances à vida.

Ao mesmo tempo em que lhes são negados direitos básicos — como educação e saúde —, também se nega a esses atores sociais uma identidade individual. Conforme Lebaune-Demeule (2015, p. 146) sustenta, “a todos os escravos parece ser sido negado o reconhecimento de sua existência separada individual, enquanto os filhos do fazendeiro são todos claramente identificados como Thomas, Lydia e William. Até a primeira esposa de Sanders Pai, uma personagem bem secundária à qual apenas se alude, chama-se Caroline” (tradução nossa)<sup>2</sup>. Ou seja, a violência estrutural prevê o apagamento sistemático da individualidade daqueles que não pertencem ao grupo dominante. Os únicos escravos que possuem um nome próprio têm esse nome atrelado a Whitechapel, dono da plantação de algodão. Esses nomes atuam apenas para mostrar que esses indivíduos são sua propriedade. Aqui a desumanização se concretiza por meio da negação ao direito à individualidade e à agência na narrativa do si.

### Considerações finais

A partir dos três vetores de representação da violência, evidencia-se a forte tensão entre os dois grupos presentes no romance — o da ordem e o dos escravos. Enquanto o segundo grupo tenta sobreviver às imposições, o primeiro regula o que é aceitável ou não. Em um primeiro momento, destaca-se a violência física, usada como uma forma de punição para aqueles que desrespeitam as normas da fazenda. Por causa da sua ferocidade, muitos escravos têm suas vidas ceifadas. Em segundo lugar, salienta-se a violência contra o corpo feminino, em que mulheres são silenciadas para a manutenção da imagem do grupo dominante. Por fim, a violência estrutural praticamente impossibilita, por meio de diferentes movimentos de desumanização, as chances de uma vida digna, visto que proíbe acesso à direitos básicos.

A diversas formas de violência no romance de D'Aguiar excluem a possibilidade de encenação da identidade individual. Na ordem constituída pelo

---

<sup>2</sup> “All slaves seem to be denied the recognition of their separate individual existence, while the planter’s children are all clearly identified as Thomas, Lydia and William. Even Sanders Senior’s first wife, a very minor character who is only alluded to, is named Caroline” (LEBAUNE-DEMEULE, 2015, p. 146).

grupo dominante, toda manifestação que remonte à agência individual é sistematicamente silenciada. Nessa recuperação do passado, D'Aguiar revela na realidade diegética o que significa concretizar uma narrativa de identidade, num contexto pautado pela sistematicidade racional da violência. Com efeito, muitos desses fenômenos dessa Virgínia do século XVIII ainda ressoam e impactam nas concretizações identitárias de atores sociais negros, em pleno século XXI. Nesse sentido, o romance contribui para repensar as ordens semânticas que subjazem às construções de identidade ao longo da história.

---

## Referências

---

ALVES, Elis Regina Fernandes. *A memória da escravidão em The Longest Memory (1994) e Feeding The Ghosts (1997), de Fred D'Aguiar*. 430f. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São José do Rio Preto, 2018.

ALVES, Elis Regina Fernandes. A memória de escravidão em *The Longest Memory* (1994) de Fred D'Aguiar. *Revista Igarapé*, v. 11, n. 1, p. 141-159, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

D'AGUIAR, Fred. *A mais remota lembrança*. 2. ed. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1997.

LEBAUNE-DEMEULE, Florence. Authority and displacement in Fred D'Aguiar's *The Longest Memory*. In: LEBAUNE-DEMEULE, Florence (org.). *Authority and Displacement in the English-Speaking World*, v. 2. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2015. p. 143-170.

MATHIAS, Dionei. *Neue alte Welt und altes neues Ich*. Trier: WVT Wissenschaftlicher Verlag Trier, 2011.

MATHIAS, Dionei. Literatura e fluxos migratórios em contextos anglófonos: sobre a gênese discursiva de um campo de pesquisa. *SCRIPTA UNIANDRADE*, v. 16, p. 225-238, 2018a.

MATHIAS, Dionei. Coesão social em *The Black Album*, de Hanif Kureishi. *REVELL REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS*, v. 3, p. 357-373, 2018b.

MUSSON, Chloe Nuttall. *Orchestrating the 'many-tongued chorus': Using music to analyse polyphony in Fred D'Aguiar's The Longest Memory and Caryl Phillips's Crossing the River*. *Leading Undergraduate Work in English*, v. 6 (2013-2014), p. 287-94, 2014.

SANTOS, Zelo Aparecida Martins dos. *História e literatura: uma relação possível*. *Revista científica FAP*, v. 2, p. 117-126, jan./dez. 2007.

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI. *III Encontro PIBID URCA 2015*. Disponível em: <http://www.urca.br/novo/portal/index.php/banco-de-imagens/category/8-iii-encontro-pibid-urca-2015>. Acesso em: 14 nov. 2020.

---

## Para citar este artigo

---

MÜLLER, Juliana Cássia; MATHIAS, Dionei. Ordem e violência em A mais remota lembrança, de Fred D'Aguiar. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 2, p. 790-803, maio-ago. 2021.



---

## Os Autores

---

**Juliana Cássia Müller** - graduanda do curso de Letras - Inglês e Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e participante do projeto Literatura e Identidade, orientado pelo professor Dr. Dionei Mathias. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4157-2913>.

**Dionei Mathias** - professor de língua e literatura na Universidade Federal de Santa Maria. Possui formação em Letras pela Universidade de Hamburgo (Grund- und Hauptstudium, Magister Artium, Doktor phil.) e pela Universidade Federal do Paraná (Doutorado em Letras). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8415-1460>.